

## **A NARRATIVA COMO APORTE METODOLÓGICO NA PESQUISA QUALITATIVA**

*Cristina da Conceição Silva* (UNIGRANRIO)

[cristinavento24@yahoo.com.br](mailto:cristinavento24@yahoo.com.br)

*José Geraldo da Rocha* (UNIGRANRIO)

[rochageraldo@gmail.com](mailto:rochageraldo@gmail.com)

*Fábia de Castro Lemos* (UNIGRANRIO)

[fabiaclemons@bol.com.br](mailto:fabiaclemons@bol.com.br)

### **RESUMO**

O presente artigo busca identificar aspectos que envolvem a pesquisa de cunho qualitativo, bem como suas possibilidades no contexto metodológico de uma investigação, seja no contexto histórico ou das ciências sociais e humanas. Assim sendo, a pesquisa qualitativa se pauta também em investigações do mundo real e se debruça em estudos sobre as experiências vividas pelos seres humanos, bem como interpreta textos e discursos durante sua trajetória de forma fidedigna através das narrativas. Além de abordarmos a narrativa como um instrumento metodológico para pesquisa científica, descrevemos que a mesma capta do entrevistado algo que não é mensurável, uma vez que se preocupa em trazer em evidência a realidade vivida pelo entrevistado.

**Palavras-chave-** Narrativa. Metodologia. Pesquisa qualitativa.

### **1. Introdução**

O artigo em pauta visa descrever a pesquisa qualitativa e suas possibilidades de amparar o desenvolvimento de uma investigação acadêmica com outros aportes metodológicos. Assim sendo, buscaremos contribuições literárias que versem sobre o uso da pesquisa qualitativa com vistas à narrativa.

Ademais, destacaremos na primeira seção a técnica da narrativa a ser empregada na pesquisa qualitativa, onde Walter Benjamin destaca a importância da narrativa que dá vida ao narrador. E, nesta visão, a pesquisa qualitativa, ao descrever um fenômeno das ciências sociais e humanas, pode dar voz e vez àqueles poucos visibilizados no cenário acadêmico. E tal fenômeno acontece em virtude de a narrativa retirar do ser humano o seu próprio conhecimento, através do que ele conta de sua própria experiência ou até mesmo da experiência relatada pelos outros. Logo, a narrativa, pela sua característica oral, mantém as memórias e as

conserva, fato que pode ser utilizado na pesquisa qualitativa, o que não ocorre na escrita de um romance, que se origina do indivíduo isolado e versa, comumente, do sentido da vida, encerrando sempre a história com um final que é, então, imposto ao leitor. Além do mais, a narrativa nos aproxima da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador, uma vez que ela mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador.

Daremos continuidade, em outra seção, com a defesa da narrativa como instrumento de investigação da pesquisa qualitativa, onde destacaremos a ação na pesquisa qualitativa, em que questões que envolvem a singularidade do indivíduo, sua experiência e vivência no âmbito de grupo e da coletividade, além de descrever a pesquisa qualitativa como um método que se preocupa em capturar um nível de realidade que não pode ser mensurado quantitativamente. Nesse contexto, cabe ao pesquisador desenvolver uma postura crítica que o qualifique no aprofundamento da captura dos dados e busque observações em campo, com o objetivo de articular e enriquecer as informações coletadas, uma vez que o objeto da investigação é sempre um objeto construído, além de descrever que as narrativas são ferramentas bastante apropriadas para o estudo qualitativo em que se objetiva investigar representações da realidade do entrevistado.

Para o desenvolvimento deste artigo, buscamos amparo em tese, livro e artigos que nos ampararam para a sua efetivação, contando com os escritos de Benjamin (1994), Dutra (2002) e Muylaert et al. (2014) entre outros.

## **2. A narrativa arte de contar**

Antes de tudo, admitir uma estratégia qualitativa de pesquisa descritiva acerca da socialização de um determinado espaço da cidade e seus atores, utilizando a narrativa, significa adotar como horizonte teórico e filosófico a existência compreendida na experiência vivida dos atores a ser entrevistados. Ou seja, é uma forma de compreender a experiência humana, bem como representar uma tarefa de grande complexidade, tendo em vista que o homem se constitui de opiniões pessoais, quando pensa, sente e tem em sua linguagem a expressão da própria existência. E essa existência apresenta, às vezes, características semelhantes e distintas de outras pessoas, o que exclui a possibilidade de explicá-la através de ver-

dades estáticas e aplicáveis a todos os seres humanos. Deste modo, a narrativa considera essa dimensão do mundo vivido e nos sinaliza a possibilidade de nos aproximarmos do outro, sem que se perca a principal característica que o distingue no mundo da existência. (DUTRA, 2002)

Assim sendo, Dutra (2002, p. 32) observa que os procedimentos metodológicos, com base nas narrativas dos atores entrevistados, devem ser gravados, transcritos e literalizados. Em seguida, devem ser submetidos a exame dos entrevistados, para que os mesmos possam conferir veracidade da narrativa feita.

A seguir, os depoimentos são comentados e interpretados, a partir dos significados que se despontam na experiência narrada e como produto das ponderações feitas pelo pesquisador. E com este olhar que Benjamin (1994), filósofo alemão, apresentou como opinião central de sua filosofia e experiência, a expressão da narrativa, pois dizia ele que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação e que ela traz à tona coisas sobre a vida do narrador. Embora, em sua opinião, a narrativa do meado da década de 30 estava desaparecendo, Benjamin entendia que esta seria a forma de comunicação mais adequada ao ser humano, já que reflete a experiência humana. Contudo, o conceito do filósofo sobre o desaparecimento da narrativa, não se concretizou, visto que essa forma de pesquisa com base na experiência vivida tem sido bastante adotada nos meios acadêmicos. (DUTRA, 2002)

Para Benjamin (1994), na narrativa, o narrador retira do próprio conhecimento o que ele conta de sua própria experiência ou até mesmo a relatada pelos outros. É a narrativa, pela sua característica oral (como já dissemos acima), aquela que mantém as memórias e as conserva, fato que não ocorre na escrita de um romance, que se origina do indivíduo isolado e versa, comumente, sobre o sentido da vida, encerrando sempre a história com um final que é, então, imposto ao leitor. Segundo Benjamin (1994), metade da arte da narrativa está em evitar explicações, e que o leitor é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Benjamin (1994) considerava a arte de contar uma história, um acontecimento infinito, pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Desse modo, a narrativa, em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, reconstrói-se, à medida que é narrada, porque

narrar alguma coisa consiste na faculdade de trocar experiências. Benjamin (1994) ainda relata que a narrativa aprecia a experiência exposta pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte, e este por sua vez ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter misturado à sua experiência à história ouvida. A consonância, com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como uma expressão, leva-nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada em estudos que se fundamentam em ideias que se mostram de forma existencial. Segundo Dutra (2002), através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador, pois ela mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade a que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior magnitude, tal como acontece. A narrativa tem a competência de suscitar, nos seus ouvintes, os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, ao contrário da informação, ela não nos fornece respostas. Pelo contrário, a experiência transmitida pelo narrador nos sensibiliza e nos leva alcançar significados que atribuímos à experiência, de forma a assimilá-la a outras experiências. (Cf. DUTRA, 2002)

A narrativa, tendo progredido no ambiente artesanal, seja ele na cidade, nos campos ou no mar, pode ser vista como forma artesanal de comunicação, porque narrar uma história sempre foi uma arte e, se ela se perde se não for contada, pois ninguém mais fia ou tece, enquanto a ouve. (Cf. BENJAMIM, 1994)

A ação de contar e ouvir a experiência do outro em um mundo de valores e afetos, em um passado que interage com o presente e que apoia situações que refletem, revelam, conservam e transcendem o mundo ao qual estamos inseridos, além de nos levar a admitir a ideia que sinaliza que a escuta de uma história, em companhia do narrador, construindo a conexão de sua experiência com a do outro e a do seu antepassado. Logo, ao se trabalhar a narrativa do sujeito da pesquisa, estamos participando de sua história, expressa em sua experiência de vida.

### **3. A narrativa na pesquisa qualitativa**

A pesquisa qualitativa, tendo a narrativa como instrumento, deve considerar a singularidade do indivíduo, sua experiência e vivência, seja

em sua individualidade ou coletividade em que está inserida. Esses aspectos são fundamentais para contextualizar a realidade à qual o indivíduo pertence.

Ao buscar responder questões em um determinado contexto espaço-temporal ou histórico--social, as pesquisas qualitativas não são generalizáveis. Isso não significa que sejam pouco objetivas, pouco rigorosa ou sem credibilidade científica, mas sim que abordam e tratam os fenômenos de outra forma. (MUYLAERT et al., 2014, p. 197)

Ela declara que, se por um lado a pesquisa qualitativa busca enlaçar um grau de realidade que não pode ser medida quantitativamente, por outro, o investigador só poderá expandir uma atitude crítica que o qualifique no aprofundamento da captura dos dados, se se conservar em uma procura ativa e atenta por novos interlocutores e observações em campo, com o objetivo de articular e enriquecer os subsídios angariados, uma vez que o objeto da investigação é sempre um objeto construído.

Schraiber (1995) afirma que:

...a narrativa é a objetivação do pensamento, dado que o pensamento externalizado é apreendido em sua forma de relato oral. As narrativas assim, segundo a autora, são ferramentas bastante apropriadas para o estudo qualitativo em que se objetiva investigar representações da realidade do entrevistado. A partir dessas representações pode-se captar o contexto em que esse informante está inserido. (SCHRAIBER, 1995, *apud* MUYLAERT et al., 2014, p. 197)

Nesse ponto de vista, as narrativas preconizam a questão gerativa em seu instrumento de coleta. Essa forma de abordar o sujeito da pesquisa recomenda enlaçar a fala a partir de um posicionamento bastante distinto da entrevista semidirigida que emprega de trajeto semiestruturado com perguntas definidas, ao qual se deseja restringir um dado objeto pesquisado. (MUYLAERT et al., 2014)

Para os autores, o roteiro semiestruturado, desde que anteriormente testado e tendo o entrevistador prévio entrosamento com os objetivos de cada pergunta, possibilita que a entrevista flua pelo discurso do entrevistado. Assim sendo, o entrevistador pode lançar mão de um roteiro estruturado que, em geral, anula a naturalidade, tendo o pesquisador prévio entendimento dos objetivos de cada pergunta, permite que a entrevista flua pela ordem do discurso do entrevistado, possibilitando que o entrevistador lance mão de seguir um roteiro estruturado que, em geral, quebra a naturalidade e constitui determinações restritivas, tanto ao pesquisador, como ao próprio sujeito da pesquisa. (MUYLAERT et al., 2014)

Observa Manzini (2004) que a diretividade de cada pergunta

aponta para um foco, o que leva o sujeito a responder dentro de um campo associativo bastante definido e antecipadamente abalizado pelo próprio pesquisador.

Muylaert et al. (2014) dizem que Campos (2010) e Silva (2005) abordam que:

As interferências com perguntas pontuais para eventuais esclarecimentos, mais direcionadas ao foco do conteúdo pesquisado, são realizadas após o término da gravação. Isto porque a captura em profundidade exige do entrevistador um aprender a ouvir tanto as falas quanto as pausas, silêncios, ritmos e o próprio cenário que vai se configurando no decorrer de uma história que ali é contada. (MUYLAERT et al., 2014, p. 198)

Apontam Muylaert et al. (2014) que a proposta que permite o entrevistado discorrer livremente a partir de uma questão aberta, possibilita o não condicionamento das respostas, o que proporciona que o sujeito da pesquisa construa gradativamente a história com espíritos próprios, em que os conteúdos subentendidos e os não ditos, possam surgir com maior naturalidade e comprometimento com a realidade cotidiana.

A prosperidade do método das narrativas sugere ainda um desafio ao pesquisador, de se tornar parte do processo, em que ouvir em profundidade o que surge dos participantes implicados em suas próprias histórias, admite que seja atravessado pela singularidade do tecido de sentidos que é criado por cada sujeito.

Assim, as entrevistas narrativas são mais apropriadas para captar histórias detalhadas, experiências de vida de um sujeito ou de poucos sujeitos. Deve-se passar um tempo considerável com cada entrevistado e captar informações por meio de diferentes tipos de fontes, que podem ser de origem pessoal, familiar ou social. (MUYLAERT et al., 2014, p. 198)

Exemplos que nos auxiliam como fontes são cartas, fotografias, documentos, correspondências, diários, entre outros. O entrevistador deve também estar cauteloso a contextualizar pessoalmente, culturalmente e historicamente o sujeito de pesquisa, bem como reestoriar os relatos e outras informações obtidas de forma que se edifique algum tipo de estrutura para em seguida inserir a história em uma sequência cronológica.

Segundo Muylaert et al. (2014) por sua produtividade, as narrativas podem potencialmente enlaçar conjunturas nas quais o pesquisador almeja investigar intercessões entre experiência e linguagem, estrutura e eventos, ou ainda situações da coletividade abarcando memória e ações políticas. As narrativas são uma forma com que os seres humanos compartilham experiências com o mundo, indo além da simples definição de

suas vidas, pois ao repensarem suas histórias – as que contam e ouvem – refletem quem são, reconstruindo continuamente significações acerca de si.

Portanto, o pesquisador colabora com o entrevistado e o envolve na pesquisa, de modo que ambos saem modificados desse encontro. Logo, a narrativa atua como instrumento metodológico que busca entender a experiência, sendo a experiência o fundamental a ser captado nas pesquisas. E ela amplia a conexão do pesquisador com o campo, seu contexto e organização, ao permitir que a tensão do enigma de pesquisa (o problema em questão) não se abafe, uma vez que o material coletado oferece rica integração de experiências e significados pela escuta prolongada e pela noção da importância dos eventos que a correlação das narrativas permite capturar, e não precipita no pesquisador a busca por reconstituir experiências e atribuições dos entrevistados pela fixação de referenciais teóricos que pela própria empiria captada no campo. (Cf. MUYLAERT et al., 2014)

#### **4. Considerações finais**

Compreendendo que a pesquisa qualitativa, ampara a narrativa, entendendo a sua importância para o contexto acadêmico, especialmente quando o modelo em pauta apresenta possibilidades de usar instrumentos que fazem parte da história de vida do entrevistado. Tais instrumentos que contam com diários, fotos, cartas entre outros ajudam a descrever e dar veracidade à narrativa do entrevistado, além de abrir possibilidades de um diálogo entre pesquisador e pesquisado que valorize a memória de um determinado grupo ou de um indivíduo. Todavia, vivemos em um mundo onde geralmente os escritos literários, dão voz e vez a um grupo pertencente à classe social privilegiada culturalmente, e pouco visibiliza os grupos menos distintos social e culturalmente. Nessa ambiência literária e formadora de heróis e mártires, fomos envolvidos nos bancos escolares, e na atualidade existe uma luta para que isso não seja um discurso hegemônico no contexto educacional. Assim sendo, compreendo que a pesquisa acadêmica nos indica possibilidades que nos levem a debruçar em novas perspectivas. Neste sentido, a pesquisa qualitativa com aporte na narrativa nos revela uma oportunidade investigativa que envolve outros atores da sociedade que não apenas os bens nascidos da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Natal: UFRGN, vol. 7, n. 2, p. 371-376, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>>.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: *Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, 2, Bauru, 2004, 10 páginas não numeradas. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/home/instituicao/docentes/eduardomanzini/manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](http://www.marilia.unesp.br/home/instituicao/docentes/eduardomanzini/manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf)>. Acesso em: 02-11-2015.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, vol. 48, n. spe2, São Paulo, dez.2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0080-62342014000800184&lng=en&nrm=iso&tlng=en&originallang=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0080-62342014000800184&lng=en&nrm=iso&tlng=en&originallang=en)>.